

MANUAIS ESCOLARES FRANCESES NO IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II (1856-1892)¹

Maria Helena Camara Bastos

Resumo

No Brasil, o século XIX é considerado como um século de francofonia por excelência, onde a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França. Na área da educação, a influência é extremamente significativa. No campo das idéias e inovações pedagógicas, muitos autores franceses são traduzidos e apropriados. O presente estudo analisa os programas de ensino e os manuais escolares franceses adotados no Colégio D. Pedro II, de 1856 a 1892. A influência francesa está no estudo da língua francesa, nas denominações que a escola assume, nas inúmeras reformas de ensino por que passou, e, especialmente, pela adoção dos manuais escolares. Enfatiza-se a circulação dos impressos educacionais; as estratégias editoriais francesas no Brasil e a internacionalização de idéias pedagógicas e práticas educativas como *um dos padrões consistentes da modernidade* e da modernização buscada pela sociedade brasileira.

Palavras-chave: Século XIX; Ensino secundário; Livros escolares; Manuais franceses.

FRENCH SCHOOLAR MANUALS IN THE IMPERIAL COLLEGE OF PETER II (1856-1892)

Abstract

In Brazil, the XIX century is considered as a francophone century par excellence, where our culture absorbed everything or almost everything what was produced in France. In education, the influence is extremely significant. In the field of the ideas and pedagogical innovations, many French authors were translated and became part of the Brazilian educational repertoire. This study analyzes the programs of education and French school manuals adopted in College D. Peter II, from 1856 up to 1892. The French influence is noticed by the emphasis in the study of the French language, in the denominations that the school assumes, in the innumerable reforms

¹ Este estudo foi apresentado no XXIV International Standing Conference for the History of Education/ISCHE, realizado em Paris/França (julho 2002), com o título LES MANUELS SCOLAIRES FRANÇAIS AU LYCEE IMPERIAL D.PEDRO II (1856-1892).

of education that it passed, but especially for the adoption of school manuals. It is emphasized the circulation of educational printed matters; the French publishing strategies in Brazil and the internationalization of educative pedagogical and practical ideas as one of the consistent standards of modernity and the modernization searched by the Brazilian society.

Keywords: XIX century; Secondary education; School books; French manuals.

MANUALES ESCOLARES FRANCESES EN EL IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II (1856-1892)

Resumen

En Brasil, el siglo XIX es considerado como un siglo de francofonía por excelencia, adonde nuestra cultura absorbió todo o casi todo lo que se producía en Francia. En el área de la educación, la influencia es extremadamente significativa. En el campo de las ideas e innovaciones pedagógicas, muchos autores franceses son traducidos y apropiados. El presente estudio analiza los programas de enseñanza y los manuales escolares franceses adoptados en el Colégio D. Pedro II, de 1856 a 1892. La influencia francesa está en el estudio de la lengua francesa, en las denominaciones que la escuela asume, en las innúmeras reformas de la enseñanza por las que pasó, y, especialmente, por la adopción de los manuales escolares. Es enfatizada la circulación de los impresos educacionales; las estrategias editoriales francesas en Brasil y la internacionalización de ideas pedagógicas y prácticas educativas como *uno de los padrones consistentes de la modernidad* y de la modernización buscada por la sociedad brasilera.

Palabras clave: Siglo XIX; Enseñanza secundaria; Libros escolares; Manuales franceses.

MANUELS SCOLAIRES FRANÇAIS AU COLLÈGE D. PEDRO II (1856-1892)

Résumé

Au Brésil, le XIX^{ème} siècle est considéré comme un siècle de francophonie par excellence, où notre culture a tout ou presque tout absorbé de ce qu'on produisait en France. Dans le domaine de l'éducation, l'influence est très significative. Dans le champ des idées et des innovations pédagogiques, l'on traduit plusieurs auteurs français et on s'en approprie. Dans la présente étude on analyse les programmes d'enseignement et les manuels scolaires français adoptés au Collège *Dom Pedro II*, de 1856 à 1892. L'influence française se fait sentir sur l'étude de la langue française, sur les dénominations que l'école va assumer, sur les innombrables réformes de l'enseignement qu'elle a subies et surtout sur l'adoption des manuels

scolaires. L'on souligne spécialement la circulation des imprimés éducationnels, les stratégies éditoriales françaises au Brésil et l'internationalisation des idées pédagogiques et des pratiques éducatives *comme des modèles consistants de la modernité* et de la modernisation cherchée par la société brésilienne.

Mots-clés: XIX^{ème} siècle; Enseignement secondaire; Manuels scolaires; Manuels français.

Introdução

Paris foi definida, por Walter Benjamin, como a capital do século XIX. Esta definição, para Cristophe Charle (1999), *remete tanto ao seu papel político na eclosão dos movimentos revolucionários europeus como ao seu esplendor intelectual, mensurável através da presença de intelectuais de distintas procedências geográficas*. Para a intelectualidade brasileira, Paris/França exercia uma imensa atração como capital cultural, com um significativo *capital simbólico* para a elite da época.

Já no século XVII, Santa Rita Durão, poeta nativista, aconselhava *“tomar a França como madrinha”*. Duzentos anos depois, o imperador D. Pedro II declarava ser a França *“a pátria de minha inteligência, e a outra (Brasil) a pátria do meu coração e do meu nascimento”*. Para Ribeiro (1998), se a metrópole portuguesa era a referência política e se a Inglaterra, desde meados do século XVII, se preparava para se tornar a principal referência comercial e financeira, a França há muito se projetava para os brasileiros letrados como modelo intelectual e estético.

A partir da segunda metade do século XVIII – com os primeiros movimentos emancipatórios e com a chegada de D. João VI (1808) - o modelo francês vai gradativamente se impor no Brasil. Assim, o século XIX pode ser considerado como um século de francofonia por excelência, onde a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França. Vários têm sido os estudos sobre aspectos desta influência no Brasil². Na área da educação, a influência francesa é extremamente significativa. No campo das idéias e inovações pedagógicas, muitos autores franceses são traduzidos e apropriados pela elite intelectual

² Vários estudos têm sido realizados visando analisar esta influência: BARBOSA (1923); ARAÚJO (1973); Carelli (1989; 1993); Carelli; Théry; Zantman (1987); Hamburguer (1996); Peixoto (1995).

brasileira³. A necessidade de um embasamento científico para o desenvolvimento da educação faz com que os intelectuais brasileiros se apropriem das idéias de representantes da intelectualidade francesa para dar voz e força às idéias que consideram relevantes e significativas.

Também, pode-se assinalar a significativa presença de escolas francesas, principalmente no Rio de Janeiro. Agnès Guillemín (1979), afirma que a penetração francesa no ensino brasileiro foi feita em três fases. A primeira considera completamente anárquica, pois resulta de ações de franceses residentes no Brasil, que dão cursos particulares ou fundam pequenas escolas primárias e liceus, voltados principalmente à educação feminina, educação negligenciada pelo poder público. O segundo período se caracteriza por uma ação combinada de brasileiros e franceses, já instalados no Brasil e na Metrópole, e por ações de ordens religiosas ensinantes⁴, como as Irmãs de São Vicente de Paula, que vêm a convite do Imperador, em 1854. A última fase é caracterizada pela instalação da Aliança Francesa no Rio de Janeiro, em 1886, dois anos após ter sido criada na França. Para a autora, o enorme sucesso das escolas privadas laicas francesas é uma prova do domínio cultural francês, principalmente no ensino do modo de vida, de boas maneiras, da etiqueta, e também no que se refere à adoção da última moda de Paris, isto é, de artigos de beleza e perfumaria, de artigos de luxo, de roupas, visto que o comércio francês está muito ligado à vida das mulheres. No período de 1850 a 1900, a autora identifica inúmeros colégios franceses no Rio de Janeiro, cuja característica é ter um diretor francês, e, eventualmente, os professores; a ênfase da educação é no ensino da língua, da cultura e do modo de vida francês. O domínio da língua francesa era uma credencial cultural muito significativa à elite brasileira. Cabe destacar que esta

³ Ver Bastos (1999; 2000; 2002).

⁴ Ver Manoel (1996).

influência educacional não ficou restrita ao século XIX, foi profunda e durável, presente nos métodos, nos currículos, nos programas, na arquitetura, na mobília, no material e nos livros escolares adotados.

Nesse contexto, situa-se o presente estudo dos manuais escolares franceses adotados no Colégio de Pedro II. A influência francesa vai estar presente no cotidiano desta escola, não só pela ênfase no estudo da língua francesa, nas denominações que a escola assume, nas inúmeras reformas por que passou, mas especialmente pela adoção dos manuais escolares franceses no cotidiano da sala de aula. O ministro Dr. Justiniano José da Rocha, em 1851, imbuíra no Colégio de Pedro II “*muita pedagogia francesa, assim a do “concours général” seguido em ponto menor pelo palmarès ou lista de prêmios concedidos em uma escola a cabo de ano letivo*” (ESCRAGNOLLE DORIA, 1997, p. 77).

A pesquisa centrou-se na leitura dos programas de ensino adotados, “os quais contêm informações sobre o conteúdo das matérias e sua organização nas séries, podendo ou não conter o número de lições atribuídas a cada tópico e a carga horária semanal”. Também há referências aos autores e livros textos a serem utilizados em aula e nos exames (VECHIA, LORENZ, 1998, p. VIII). O estudo abarca o período de 1856 a 1892 - que corresponde ao primeiro programa de ensino organizado pelo Conselho Diretor, decorrente da reforma curricular de 1854, e o primeiro programa elaborado pelo regime republicano, instaurado em 1889 -, de significativa a influência francesa na cultura brasileira. A partir das últimas décadas do século XIX, impõe-se gradativamente a influência norte-americana⁵.

Vários trabalhos têm analisado a influência francesa nos manuais escolares do Canadá, México, Argentina, no século XIX e XX (HAMEL, 2000; AUBIN, 2000; MOCTEZUMA, 2000; BRAFMAN, 1996). O objetivo desse estudo é identificar que

⁵ Ver Mesquida (1994).

manuais escolares franceses foram adotados no Colégio de Pedro II, na segunda metade do século XIX, analisando em que medida esses manuais fazem parte das estratégias editoriais de grandes empresas francesas, na perspectiva de ampliar o mercado consumidor, ou se reproduzem a indicação que fazem os programas escolares franceses. Nossa preocupação situa-se nas questões colocadas por Brafman (1996, p.63), quando afirma que “se conhece muito mal a influência da edição escolar francesa do século XIX no exterior de suas fronteiras. Sabemos, no entanto, (...) que numerosos são os editores parisienses que publicam, durante esse período, manuais em outras línguas que o francês. A quais usos são destinadas essas publicações? Que influência têm na evolução das práticas de escolarização nesses países?”.

No Brasil, até a criação da Imprensa Régia, em 1808, não se pode falar em livros escolares brasileiros. Os primeiros livros brasileiros foram impressos devido às guerras napoleônicas, que interromperam os suprimentos normais da Europa. Para Hallewell (1985, p.144), “*não apenas o mercado era muito pequeno para interessar qualquer editora nacional como também os métodos primitivos de ensino usados por muitas escolas dispensavam inteiramente o uso de livros escolares*”.

Algumas editoras nacionais dedicam-se a publicar e a importar *compêndios para a instrução pública*, especialmente a partir da segunda metade do século XIX: Garnier, Laemmert, Leuzinger e Lambaerts, Francisco Alves – primeiro editor brasileiro a fazer da edição escolar o principal esteio de seu negócio. Esse quadro explica em parte a utilização de autores e obras escolares editados no estrangeiro, destinados a todos os níveis de ensino, especialmente em língua francesa, oriundas da França e da Bélgica.

O estudo da influência da literatura didática francesa, significativa e de longa duração, é uma primeira aproximação com o tema, tendo em vista que, para Choppin (2002), essa literatura é um “*instrumento de pesquisa complexo e que a análise de seus conteúdos é indissociável da de seus usos, reais ou supostos*”.

Manuais escolares franceses no Imperial Colégio de Pedro II (1856 – 1892)

A origem do Imperial Colégio de Pedro II⁶ está no Colégio dos Orfãos de São Pedro, criado a 8 de junho de 1739. Posteriormente, essa instituição foi transferida para a Capela de São Joaquim e transformada em seminário, extinto em 1818, por D. João VI. Em 1821, o Seminário São Joaquim é restabelecido por D. Pedro I e remodelado pelo ministro José Lino Coutinho, passando a ser administrado pelo Governo. Em 1837, Bernardo Pereira de Vasconcelos, querendo dar ao Brasil o primeiro estabelecimento de ensino secundário oficial, apresentou ao então regente Araújo Lima um decreto, que o transforma no Colégio de Pedro II, a 2 de dezembro de 1837, com internato e externato, tendo por modelo o liceu francês e deveria ser padrão para os demais estabelecimentos de ensino secundário do país.

O colégio começa a funcionar em 1838, com 91 alunos, todos externos; somente em 1839 que se apresentam os primeiros alunos internos, em número de 113. Pelo decreto de criação, deveria lecionar as disciplinas: línguas latina, grega, francesa e inglesa; retórica; os princípios elementares de geometria, história, filosofia, zoologia⁷, mineralogia, álgebra, geometria e astronomia.

O discurso de Bernardo Pereira de Vasconcelos, proferido na aula inaugural em 25 de março de 1838, afirma que a criação do Imperial Colégio de Pedro II é “*oferecer um exemplar*

⁶ O nome é uma homenagem ao jovem Imperador do Brasil – Dom Pedro II. Conforme Vechia e Lorenz (1998, p.VIII) “esse estabelecimento de ensino guarda algumas especificidades quanto à sua denominação: Collegio de Pedro II (1935); Collegio de Pedro Segundo (1838); porém, em vários documentos aparece a denominação de Imperial Collegio de Pedro II; em 1890, passou a chamar-se Gymnasio Nacional; em 1911, Collegio Pedro II e, atualmente, Colégio Pedro II. Sobre D. Pedro II e sua época, consultar Mauro (1991); Schwarcz (1998).

⁷ Sobre a disciplina Zoologia Filosófica, ver Lorenz (2007).

ou norma aos que já se acham instituídos nesta capital por alguns particulares; convencido como está de que a educação colegial é preferível à educação privada". Quanto ao modelo seguido, afirma que *"as regras consagradas no Regulamento não são teorias inexpertas; elas foram importadas de países esclarecidos, têm o cunho da observação, têm o abono da prática e deram o resultado de transcendente utilidade"*. Os estatutos do estabelecimento foram elaborados a partir da consulta aos estatutos dos liceus da Prússia, Alemanha e Holanda e, especialmente, o sistema de educação adotado por Napoleão I.

Os estudos do Colégio de Pedro II estavam divididos em primeira e segunda classe. Os da primeira classe são: gramática nacional; latim; francês; inglês; explicação desenvolvida dos Evangelhos e noções de moral; aritmética e álgebra até equação do segundo grau; geometria e trigonometria retilínea; geografia e história do Brasil; ciências naturais (zoologia, botânica, mineralogia, geologia, física e química); desenho e música; dança e exercícios ginásticos. Os estudos de segunda classe são: alta latinidade, grego, alemão, geografia e história antiga, geografia e história da Idade Média, filosofia racional e moral, retórica e poética, italiano. Para o título de bacharel em letras era necessário o curso completo da primeira e segunda classes, dividido em sete anos.

Escragnonle Doria (1997, p.27) afirma que, desde a inauguração do colégio, havia a preocupação com os compêndios escolares a serem adotados. Menciona que foi aprovado para o ensino de História Universal a tradução do compêndio de Poisson, para História Antiga o compêndio de Cayx, para História Romana o de De Rozoir e Dumont, que foram traduzidos e impressos pelo professor Dr. Justiniano José da Rocha. No ensino de física era recomendado adotar o compêndio de Barruel, para o estudo de geometria o de Lacroix.

Muitos professores do Colégio de Pedro II estudaram na França. Por exemplo, Joaquim Caetano da Silva, professor de gramática portuguesa e de grego, graduou-se em medicina na

Faculdade de Montpellier; Justiniano José da Rocha, professor de geografia, história antiga e romana, estudou no Liceu Henry IV; Joaquim da Silva Maia, professor de ciências naturais e aritmética, formou-se em medicina em Paris; Manoel de Araújo Porto Alegre, professor de desenho, estudou na Academia de Belas Artes de Paris. Pode-se pensar que a adoção de alguns manuais escolares franceses decorra do fato de os terem conhecido e ou utilizados enquanto estudantes na França.

Para Choppin (1986), os programas têm um papel fundamental tanto para a concepção como para a duração de utilização dos compêndios escolares, pois esses têm de se conformar com os programas. Na análise dos programas adotados no Colégio de Pedro II – 1856, 1858, 1862, 1877, 1878, 1882, 1892 (Quadro 1), observa-se uma variação dos horários, dos conteúdos das disciplinas nas séries. No entanto, há uma permanência dos compêndios e autores adotados.

Na maioria dos programas analisados há a indicação de livros recomendados pela Congregação, sendo a maioria de autores e editoras francesas (Quadro 2). Mesmo os manuais adotados para o ensino de alemão, por exemplo, são de autor ou editor francês. Observa-se que, gradativamente, há a substituição dos livros escolares franceses por manuais de autores brasileiros editados no Brasil. Muitos deles, no entanto, são traduções ou compilações de obras estrangeiras, notadamente francesas. Era freqüente os professores transformarem suas lições em compêndios, muitas vezes compilações de manuais estrangeiros, resumos da matéria, *lições elementares*, apostilas, *declarando-os para uso dos alunos do Imperial Colégio*. Muitos desses manuais foram adotados em outros estabelecimentos de ensino secundário e serviram de modelos para outras publicações de autores nacionais. Por exemplo, no programa de 1877, consta a adoção, na disciplina de filosofia, da tradução do compêndio de A. Pellissier – *Précis d'un cours complet de Philosophie élémentaire* -, realizada por Augusto E. Zaluar, como apostila do professor. Também no curso de Retórica é adotada a tradução da obra de Joseph-Victor Leclerc – *Nouvelle rhétorique*,

extraite des meilleurs écrivains anciens et modernes, suivie d'observations sur les matières de composition dans les classes de rhétorique – com o título *Nova Rhetorica de Le Clerc*, traduzida pelo Dr. Paula Menezes.

Em todo período analisado, somente na disciplina de matemática há uma única referência a um autor francês – Adrien Guilmin -, e seu compêndio - *Cours complt d'Arithmétique* (terceira edição de 1852, reeditado até 1899). Esse fato deve-se a adoção dos manuais escolares de aritmética, álgebra, trigonometria e geometria de Cristiano Benedito Ottoni (1811-1896)⁸. Em muitos programas, há somente a menção de *compêndios de aritmética e álgebra*. Valente (1999) cita a adoção no Brasil dos compêndios de geometria de Bézout, Bélidor, Legendre, Lacroix, Euler.

Nos programas de geografia; de história antiga, história da Idade Média e história moderna e contemporânea; de química constata-se uma maior aproximação com os programas adotados nos liceus franceses. O programa de química procura seguir o *Manuel du Baccalauréat en Sciences*, de J. Langlebert. Em história, os livros recomendados são o *Manuel d'études pour la preparation au Baccalauréat en lettres*, editado anualmente com o programa exigido no exame, e o Atlas Delamarche. Há sempre a observação de que deve ser a última edição *para uso dos liceus de Paris*.

No programa de História Pátria, de 1856, há uma nota de alerta ao docente – “*como em falta de livros especiais, o programa de história moderna vai acomodado aos compêndios franceses, cumpre que o professor de história pátria em cada uma de suas preleções sobre as épocas do Brasil, observe aos discípulos, primeiro quais eram os reis portugueses nessa quadra; segundo quais os fatos mais importantes do seu reinado*” (VECHIA; LORENZ, 1998, p.35). Em 1858, já aparece um compêndio elaborado por professores do Colégio de Pedro II: Gonçalves & Tautphoeus –

⁸ Sobre os compêndios de Ottoni, ver Valente (1999, capítulo 3).

Resumo de História moderna e contemporânea. Em 1862, são indicadas as traduções do Dr. Justiniano José da Rocha – História Antiga, tradução do compêndio de Cayx; História Romana, de Rosoir e Dumont; História da Idade Média. Em 1877, são recomendados dois compêndios de autores nacionais para o ensino de História - Compêndio de História Antiga, pelo Dr. Moreira de Azevedo; Lições elementares de História da Idade Média, pelo Bacharel Domingos Ramos Mello. No programa de 1892, já no período republicano, há uma mudança nos compêndios adotados em história, sendo recomendada a obra de Seignobos – História da Civilização, o que expressa um retorno aos autores franceses, mas com tradução para o português e editado na França, pela Guillard, Aillaud e Cie.

A maioria dos compêndios adotados no ensino do latim e do grego são antologias de autores e editoras francesas. No entanto, essa supremacia não era total, como podemos constatar na discussão ocorrida no Conselho Colegial, de 6 de dezembro de 1880, para a adoção da Gramática Latina de Clintock, que contava com dezoito edições nos Estados Unidos. Esse compêndio será recomendado no programa de 1892, evidenciando o prenúncio da substituição dos manuais de autores e editoras francesas por manuais de outros países e brasileiros - de autores e/ou traduzidos para o português, em um processo de nacionalização do livro escolar, cuja matriz francesa inspira os autores nacionais⁹. Para as disciplinas - francês, história natural, física, química, história sagrada, filosofia, retórica, música, religião - observa-se a supremacia dos compêndios franceses.

É interessante assinalar que os programas, além de fazerem menção à edição a ser adotada, geralmente indicando que é a última, fazem também distinção quanto ao formato da publicação. Por exemplo, para os manuais de Delafosse e de Gervais é mencionado o de *pequeno formato*.

⁹ Sobre a literatura e a leitura de cunho nacional, ver VERÍSSIMO (1985).

Constata-se a significativa presença de algumas editoras francesas de livros escolares: Hachette¹⁰, Delalain, Garnier¹¹, Delagrave, Belin, Armand Colin, A. Durand, H. Plon, Didier, Guillard, Aillaud & Cie., e outras. Há somente um autor com edição belga, Charles André – Cours de Littérature Française choix de morceau en prose et en vers (1854). Pode-se afirmar que há uma predominância das publicações da Hachette sobre as demais editoras. A própria Garnier, instalada no Brasil desde 1844, aparece somente com três manuais para o ensino de francês.

A presença significativa de editoras francesas de livros escolares no Brasil e em outros países, no século XIX, faz parte do projeto de expansão do comércio livreiro francês, abrindo filiais em Portugal e Espanha e, com isso, chegando aos impérios ultramarinos. Para Hallewel (1985, p.126), “antes da Revolução, o comércio editorial francês se contentara com os negócios que chegavam até ele em Paris; na realidade, as condições técnicas, econômicas e políticas limitavam sua capacidade produtiva à demanda desse único mercado. Logo no início do século XIX, uma disponibilidade maior de capital, uma série contínua de melhoramentos técnicos (o prelo de ferro, o papel feito à máquina e a estereotipia, por exemplo) e mais o abrandamento dos rígidos controles oficiais do *Ancien Régime* provocaram um aumento da produção que forçou o comércio a procurar outros mercados”. A esses fatores, devemos acrescentar que, no século XIX, afirma-se o estado educador, com expansão da educação pública e de modernização das práticas escolares, destacando-se a expansão e utilização do livro escolar como um marco desse processo.

¹⁰ Sobre a Hachette, ver MOLLIER (1999; 1988); MILSTER (1964).

¹¹ Sobre a Garnier, ver MOLLIER (1988); HALLEWEL (1985; 2005); BASTOS (2002).

Concluindo

Para Carvalho (1998, p.40), “*determinar a apropriação que educadores, editores e autores fazem dos saberes pedagógicos que põem em circulação, em suas estratégias de difusão e imposição desses saberes, é questão de interesse para uma história cultural dos saberes pedagógicos*».

Com essa intenção, tentamos cartografar a circulação dos manuais escolares franceses no ensino secundário brasileiro, no período de 1856 a 1892. Constata-se a significativa presença de autores, editores e livros escolares em língua francesa, alguns traduzidos, compilados ou adaptados para o Brasil, o que permite aquilatar a importância da circulação e da difusão da cultura escolar da França, que ainda na primeira metade do século XX, continuou uma matriz importante no pensamento pedagógico brasileiro.

A apropriação dessa literatura didática deve ser também compreendida na perspectiva “de transferência de conhecimentos ou de um saber fazer, dentro de uma hierarquia de estado de desenvolvimento de um país para outro”. O *mito* da cultura francesa fortalecia uma *dissimetria* nas relações entre os dois países (CARELLI, 1993).

A *importação em folhas* (AUBIN, 2000, p.4) apresenta-se de diversas maneiras, mas essencialmente expressa uma maneira de conceber o currículo escolar, as disciplinas a serem ministradas e os conteúdos a serem privilegiados. Assim, a adoção dos manuais escolares franceses, no Brasil e em outros países, faz parte de um projeto de expansão do mercado editorial e livreiro, mas também de *universalização* de uma cultura escolar identificada com a modernidade.

Para Bosi (1992, p.364), « as idéias trazidas de fora deixam de ser inertes dependendo da correlação oportuna que as adotou. Filtradas por novos receptores, passam a animar, às vezes por longo tempo, as instituições que nelas se inspiraram. (...) à medida que essas idéias vão sendo adaptadas ao movimento que as

escolheu e as solicitou, a mundialização da cultura toma formas novas e singulares ». Assim, é importante que se compreenda que a viagem das idéias pedagógicas, das práticas educativas e escolares insere-se como um dos padrões consistentes da modernidade (SEPÚLVEDA, 1988) e da modernização buscada pela sociedade brasileira.

Referências

ARAÚJO, Carlos da Silva. L'Influence française sur la culture brésilienne, sur la pharmacie et sur la médecine en particulier. Rio de Janeiro: Gráfica Olimpia Ed, 1973.

AUBIN, Paul. La pénétration des manuels scolaires de France au Québec. Um cas-type: les frères des Écoles chrétiennes, XIX – XX siècles. Histoire de l'éducation. INRP/Paris, n.85, p.3-24, janvier 2000.

BARBOSA, M. de Lima. Os franceses na História do Brasil. Rio de Janeiro: Briguet, 1923.

BASTOS, M.H.C. O Ensino Mútuo no Brasil (1808-1827). In: BASTOS, M.H.C e FARIAS, L.M. (Org). *A Escola Elementar no século XIX. O Método Monitorial/Mútuo*. Passo Fundo: EdUPF, 1999. P.95-118.

BASTOS, M.H.C. Ferdinand Buisson no Brasil. Pistas, vestígios e sinais de suas idéias pedagógicas (1870-1900). Revista História da Educação. ASRPHE/UFPel. Pelotas, v.4, n.8, setembro de 2000. P. 79-109.

BASTOS, M.H.C. Leituras da Ilustração Brasileira: Célestin Hippeau (1803-1883). Revista Brasileira de História da Educação, n. 3, jan/jun. 2002. Pp.67-112.

BASTOS, M.H.C. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: O *Jornal das Famílias* (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação. Minho, v.15, n.2, p. 169-214, 2002.

BRAFMAN, Clara. Les manuels scolaire de lecture d'origine française en Argentine dans la deuxième moitié du XIX siècle. Histoire de l'éducation. Paris, n.69, p.63-80, janvier 1996.

BRASIL. Atas e Pareceres Congresso da Instrução do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1884.

_____. Exposição pedagógica. Guia dos Visistantes. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1884.

_____. Carta ao Jury da Exposição Pedagógica por Victor Guillard. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883.

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

CARELLI, Mário. France-Brésil: cinq siècles de séduction. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.

CARELLI, Mário; THERY Hervé; ZANTMAN Alain. France-Brésil: bilan pour une relance. Paris, Ed. Entente, 1987.

CARELLI, Mário. Cultures croisées: histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la Découverte aux Temps Modernes. Paris, Nathan, 1993, 250 p.

CARVALHO, Marta M. C. de. Por uma história Cultural dos saberes pedagógicos. IN: SOUSA, C. e CATANI, D. B. (org) Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, 1998.

CHARLE, Christophe. Paris Métropole Culturelle. Essai de comparaison avec Berlin (1880-1920). Mélanges de l'École Française de Rome. Italie et Méditerranée. Roma, t.III. n. 1, 1999. P. 455-476.

CHOPIN, Alain. Le livre scolaire. IN: MARTIN, H-J, CHARTIER, R. et VIVET, J-P. Histoire de l'édition française. Tome IV. Le livre concurrencé 1900-1950. Paris: PROMODIS, 1986. P. 281-305

_____ L'Histoire des manuels scolaires: une approche globale. Histoire de l'éducation. Paris, n.9, p.-25, décembre 1980.

_____ Manuels scolaires: histoire et actualité. Paris: Hachette, 1992.

_____ O Historiador e o livro escolar. História da Educação. ASPHE – UFPEL. Pelotas, v.6, n.11, abril 2002.

CHOPIN, Alain. (dir) Les manuels scolaires en France de 1789 à nous jours. 1. Les manuels de grec (1987); 2. Les manuels d'italien (1987); 3. Les manuels de latin (1988); 4. Textes officiels - 1791-1992 (1993); 5. Les manuels d'allemand (1993); 6. Les manuels d'espagnol (1995); 7. Bilan des études et recherches (1995); 8. Les manuels d'anglais (2000). Paris: INRP.

ESCRAGNOLLE, Dória. Memória Histórica do Colégio D. Pedro II. Brasília: Instituto Nacional de estudos Pedagógicos e Pesquisas Educacionais, 1997.

FARIA, José Joaquim S. A Instrução Pública em 1875. Os livros, os autores, os currículos e os conteúdos pedagógicos. IN: MAGALHÃES, Justino e ESCOLANO, Augustin. Os

Professores na História. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999.

FRANÇA. Ministère de l'Instruction Publique et des beaux-Arts. Catalogue Général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale. Auteurs. Paris: Imprimerie Nationale, 1924-1981. 231 volumes.

GUILLEMIN, Agnès. Un aspect de l'influence culturelle française au Brésil: Les écoles françaises à Rio de Janeiro de 1808 a 1915. Paris: Université Paris III, 1979. (Memoire Maîtrise)

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil (sua história). São Paulo: EDUSP, 1985.

HAMEL, Thérèse. Transferências culturais entre metrópole e colônia: o livro escolar como instrumento de formação do cidadão em Quebec no século XIX. História da Educação. ASPHE. Pelotas, v.4, n.8, pp.123-140, setembro de 2000.

HAMBURGUER, Amélia I. e outros (org). A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950). São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1996.

LIMA, Affonso Herculano de. Educação Nacional. IN: Atas e Pareceres Congresso da Instrução do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1884.

LORENZ, Karl. Zoologia Filosófica no Brasil: explorando as modernas correntes de pensamento científico no Collegio de Pedro II em meados do século XIX. Revista História da Educação/ASPHE. Pelotas, v. 11, n.21, 2007. p. 133-158.

MANOEL, Ivan. Igreja e educação feminina (1859-1919). Uma face do conservadorismo. São Paulo: Ed.UNESP,

MAURO, Frédéric. O Brasil no tempo de D. Pedro II (1831-1889). São Paulo, Cia das Letras, 1991.

MESQUIDA, Peri. Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MILSTER, Jean. La Librairie Hachette. Paris: Hachette, 1964.

MOACYR, Primitivo. A Instrução e o Império. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940.

MOCTEZUMA, Lucia Martínez. El modelo francés en los textos escolares mexicanos en finales del XIX. XXII ISCHE. El Libro et la education. Alcalá de Henares, 2000. (mimeo.16p).

MOLLIER, Jean-Yves. L'Argent et les Lettres. Histoire du capitalisme d'édition (1880-1920). Paris: Fayard, 1988.

MOLLIER, Jean-Yves. Louis Hachette. Paris: Fayard, 1999

NÓBREGA, Vandick Londres. Enciclopédia da Legislação do Ensino. Rio de Janeiro:

PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. L' influence des idées étrangères sur l'enseignement au Brésil. Histoire de l'éducation. Paris, n.65, p.3-26, janvier 1995.

RIBEIRO, Marcus Venicio Toledo. Na Biblioteconomia, modelo e madrinha. Revista Abigraf. São Paulo, p. 4-9, março 1998.

SCHWARCZ, Lilia M. As barbas do Imperador. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SEPÚLVEDA, Carlos. A Influência da Literatura Francesa na Literatura Brasileira: um breve inventário. Revista ABIGRAF. São Paulo, p.12-16, março 1998.

VALENTE, Wagner R. Uma história da Matemática escolar no Brasil (1730-1930). São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 1999.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (org) Programa de Ensino da Escola secundária Brasileira (1850-1951). Curitiba: Ed. Do Autor, 1998.

VERÍSSIMO, José. A Educação Nacional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (3. Ed).

| |
|---|
| <p>Maria Helena Camara Bastos é Doutora em História e Filosofia da Educação; Professora no PPGE/PUCRS; Pesquisadora do CNPq. Felicíssimo de Azevedo, 770/601. Porto Alegre/RS – 90.540-110. E-mail: mhbastos@puccrs.br</p> |
|---|

Recebido em: 12/06/2008
Aprovado em: 17/08/2008